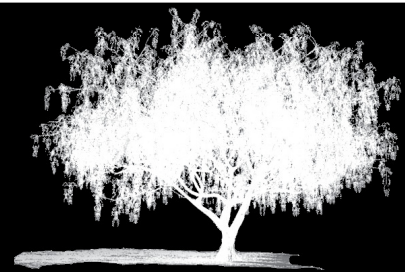


O Pimenteiro



Nº 3

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

jornalpimenteiro@gmail.com
www.jornalpimenteiro.weebly.com

Centenário e atual - Nelson Rodrigues

Nelson Rodrigues completaria cem anos em 2012 e nós dedicamos nossa capa a esse escritor incrível!

E em Guarulhos temos também um teatro dedicado a ele! Dê uma olhada na página 3.

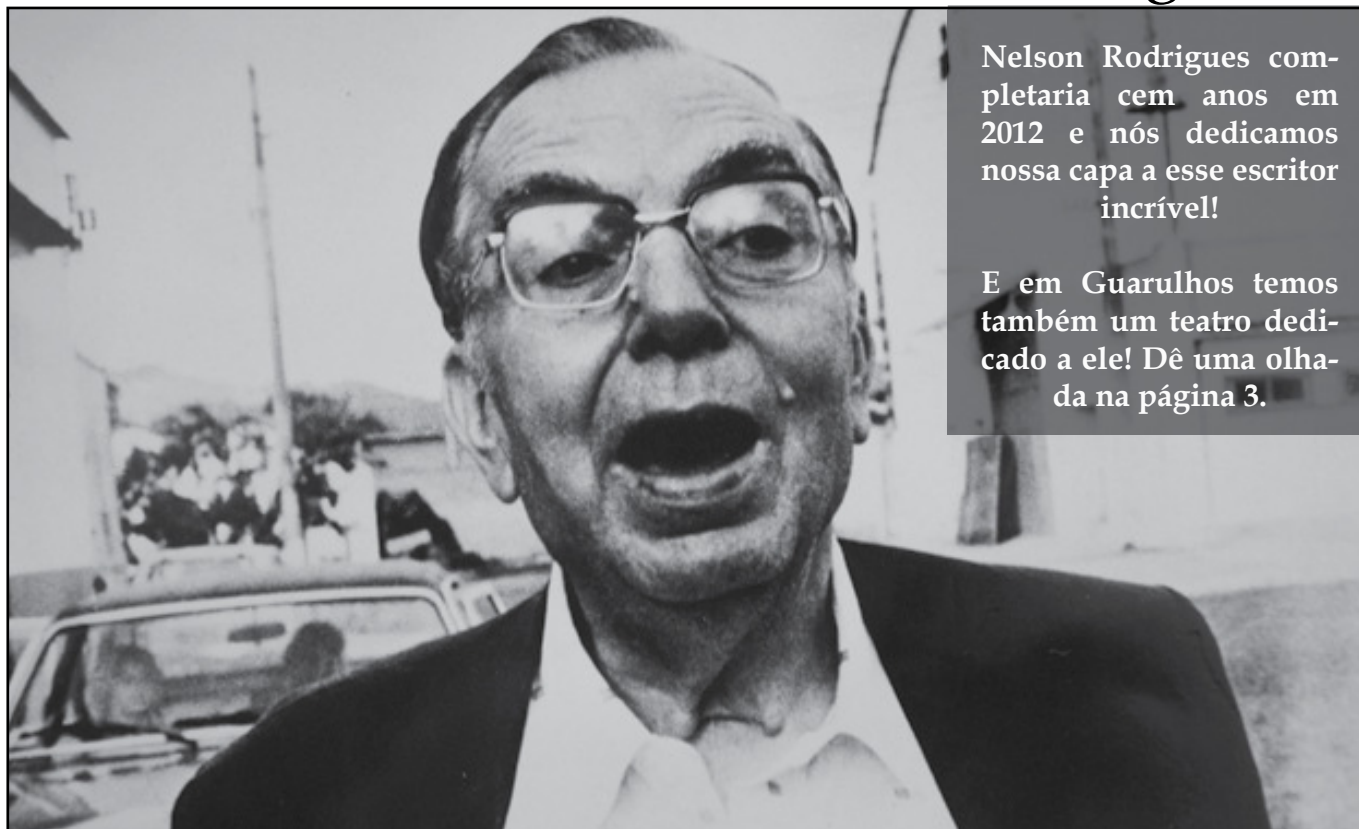


Foto: <http://tinyurl.com/nelson-r>

Folhetim

Nesta seção publicaremos um folhetim – uma estória dividida em capítulos, mais ou menos como uma novela (na verdade, os folhetins ajudaram a criar a moderna novela da TV).

No nosso caso, o folhetim é baseado em fábulas – cada título é retirado de uma fábula, como as de La Fontaine, Esopo, etc, exceto pelo primeiro, que é o título de nosso folhetim.

Os trabalhadores e o castelo sem fim

T.A.C. Amaral

Capítulo 3: O fazendeiro e a víbora

Não pense, leitor, que o castelo, por ser encantado, funcionava às mil maravilhas. Havia problemas, é claro, vários problemas, grandes e pequenos, tanto em relação ao castelo quanto aos trabalhadores.

Por estar no começo, faltavam muitos espaços necessários. O salão de bailes, por exemplo, fora deixado para depois, já que não era tão importante para o funcionamento do castelo, assim como o grande salão de jantar e os aposentos dos hós-

pedes, mas estava tudo nos planos.

Os trabalhadores, muitos e com vidas diferentes, tinham problemas em concordar em relação a muitas coisas, desde se as lágrimas de que faziam os vidros deveriam ser tingidas, e de que cor tingi-las, até o exato número de torres que o castelo deveria ter. Mas todos concordavam que deveriam continuar o trabalho e ir decidindo em conjunto como erguer a construção.

E aí os ratos viram sua chance. Infiltrando-se nas brechas, aumentando os problemas, criando intrigas entre os trabalhado-

res, convenceram vários deles a ficarem do seu lado, fazendo parecer que o castelo nunca ficaria pronto, que não havia interesse real por ele, que o castelo, em realidade, tinha suas fundações no ar.

Os ratos, então, baixaram seu maior trunfo e organizaram uma grande reunião.

.....
Confira a continuação deste folhetim na nossa próxima edição!

Editorial

Já se afirmou que o livro não sobreviveria aos maravilhosos e mirabolantes recursos que o universo da informática pode oferecer àquele que trabalha com o livro impresso, que escreve livros ou que os lê.

Nada poderia ter sido mais precipitado. E ingênuo. Talvez o fim exista, e quem somos nós para preconizar a permanência eterna dele? Estaríamos incorrendo no mesmo erro dos precipitados e dos ingênuos. Mas é preciso observar que o fim está longe, muito longe. O livro impresso ainda é o instrumento que oferece a uma boa parcela da sociedade o caminho para se formar, se aprender, se conhecer, se divertir, trabalhar, criar...

Além disso, há algumas vantagens que podem ter sido ignoradas: e se vivermos um colapso no fornecimento de energia elétrica, como poderíamos acessar o conhecimento acumulado por gerações se dependêssemos apenas dos recursos da tecnologia? Parece uma loucura, mas ler o livro impresso não gasta energia, a não ser a daquela que lê. E quando a bateria do seu tablet acaba e você precisa ler aquele artigo sobre o qual será a sua prova? O que você faria se não te restasse bateria?

O leitor pode refutar essa ideia com a afirmação de que o livro em papel causa um impacto destrutivo nos recursos naturais. Embora isso seja relevante, pode ser resolvido com o reflorestamento, com o cuidado que se pode tomar para que as vantagens da reciclagem de papel possam garantir a vida do livro impresso.

É claro que podemos pensar que a humanidade vai tentar, de todas as formas, criar mecanismos para evitar a ausência de energia em nossas vidas. Ela até pode chegar a isso, mas jamais vai poder negar o peso avassalador de revolução e disseminação de conhecimento que o livro proporcionou à história das mentalidades.

Fabiana Fanganiello

Língua Portuguesa

Fabiana Fanganiello

O tema desta coluna nesta edição é o conjunto de mudanças na acentuação trazido pelo Acordo Ortográfico que começou a vigorar este ano. As mudanças não foram tão profundas como pode parecer, mas vale a pena ficar atento na hora da dúvida. Vamos lá!

- O trema desapareceu, mas isso não significa que houve mudança na forma como lemos as palavras, ou seja, a pronúncia continua a mesma: frequência, cinquenta, língua.
- Os grupos “ei” e “oi” das palavras paroxítonas (aquelas que têm a penúltima sílaba forte – tônica) não recebem mais acento: assembleia, boia, estreia, joia, paranoia, heroico.
- As paroxítonas que possuem um “i” ou um “u” antes de ditongo (reunião de duas vogais na mesma sílaba) também perderam o acento: bocaiuva, feiura.
- Os grupos “oo” e “ee” também ficaram sem acento: enjoo, voo, perdo, leem, veem.

Falaremos de outras mudanças e de outras dificuldades da acentuação nas próximas edições. Fiquem de olho!

“Língua Portuguesa”

Mande dúvidas ou sugestões de dicas de português que você gostaria de ver aqui:
jornalpimenteiro@gmail.com

Expediente

Direção:

T.A.C. Amaral

Comunicação:

Mayra Guanaes

Produção local:

Denise Ferreira

Lucas Araujo

Revisão:

Fabiana Fanganiello

Arte:

Cássio Rocha

Diagramação:

T. A. C. Amaral

Colaboraram nesta edição:

Anne H.

Cássio Rocha

Patrícia Velloso

Paulo Ramos

Samir Thomaz

Sarah Piasentin

O Jornal “O Pimenteiro” é uma publicação cultural voltada para a população do bairro dos Pimentas, Guarulhos.

As opiniões expressas nos artigos assinados não necessariamente refletem a visão do Jornal.

Todos os colaboradores participam voluntariamente de sua elaboração.

Contato:

jornalpimenteiro@gmail.com

Visite nosso site:

jornalpimenteiro.weebly.com

Tiragem desta edição:

1000 exemplares

Guarulhos, Outubro de 2012.

Apoio:

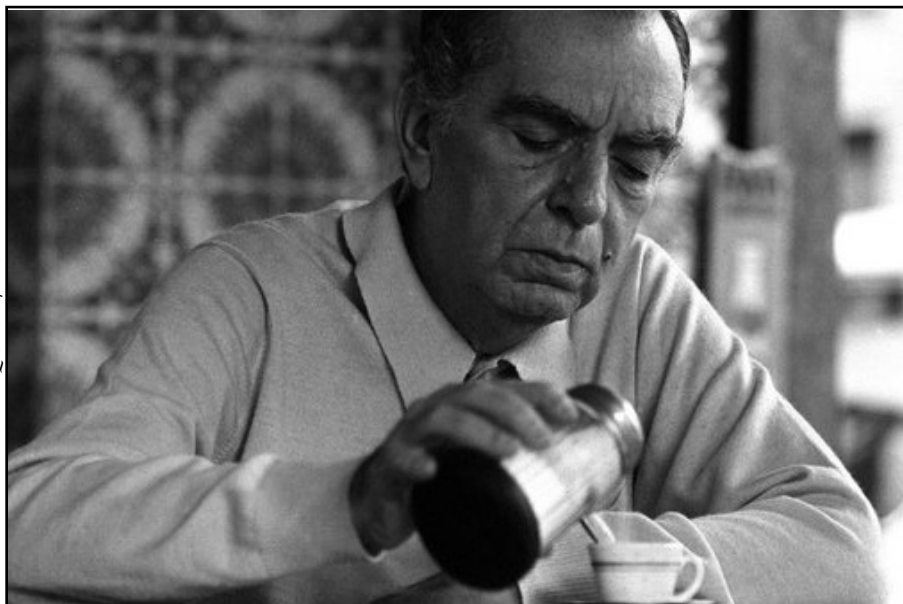
FapUNIFESP - Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo



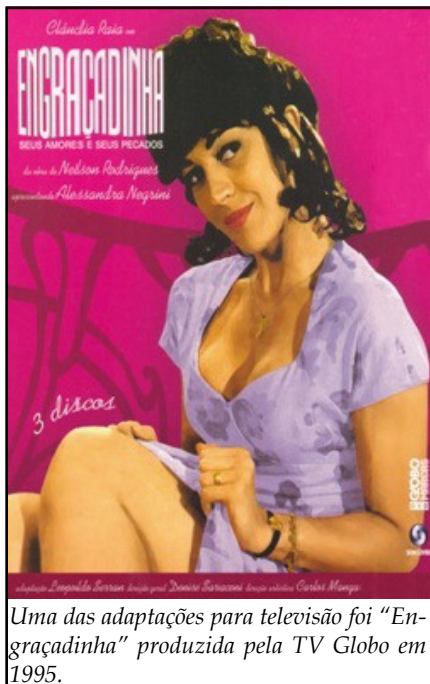
Centenário e atual - Nelson Rodrigues

Mayra Guanaes

Foto: ARQUIVO/AGÊNCIA O GLOBO



Neste ano estão acontecendo comemorações pelo centenário do Nelson Rodrigues, contudo este não é o único motivo de comemoração: Nelson Rodrigues contribuiu muito para a literatura e teatro do Brasil.



Nelson Rodrigues era jornalista, escritor e dramaturgo. Nasceu em Recife, no ano de 1912, e começou a escrever aos 13 anos e meio no jornal do pai, *A Manhã* e, mais tarde, na década de 50, ficou famoso pela coluna diária *A vida como ela é...* no jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer.

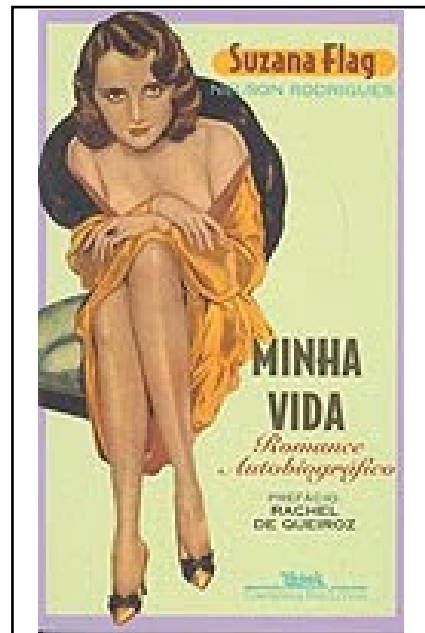
Antes do sucesso da coluna, já havia escrito a peça *Vestido de Noiva* em 1943, que representaria um marco no teatro nacional. Desde então, Nel-

son vinha fazendo um teatro tido como "desagradável", tendo, inclusive, algumas de suas peças barradas pela censura.

Em 1953, Nelson, já conhecido por *A vida como ela é...*, escreve *A Falecida*, que dá início à fase das "tragédias cariocas" no teatro, trazendo um assunto próximo daqueles presentes em sua coluna diária: o subúrbio do Rio de Janeiro na década de 50. Nelson escreveu ao todo 17 peças. Além das tragédias cariocas, há também as peças psicológicas (como *Vestido de Noiva*) e peças míticas (como por exemplo, *Álbum de família*, sua terceira peça).

Ainda que as características das peças não sejam isoladas, ou seja, todas elas apresentam características comuns entre si, a ideia destas divisões (propostas pelo crítico Sábato Magaldi e aceitas pelo próprio autor) é facilitar o conhecimento e a compreensão dos assuntos explorados por Nelson.

E os assuntos explorados



Nelson escreveu quatro folhetins e assinou com o pseudônimo de Suzana Flag. "Minha vida" era a autobiografia de Suzana.

por Nelson eram muitos: família, sexualidade, incesto, morte, obsessão, hipocrisia, política, e sua grande paixão: o futebol. Todos esses assuntos vasculham a sociedade brasileira por trás da "máscara", a fim de mostrar a sua essência em seu cotidiano. Para tal, a linguagem dos textos era popular e, ainda que seus primeiros escritos venham da década de 40, os assuntos por eles mostrados continuam extremamente atuais.

Além do teatro, Nelson Rodrigues contribuiu em outros gêneros da literatura, escrevendo romances, crônicas e folhetins. Muitas destas peças, romances, crônicas e folhetins foram e continuam sendo adaptados não só no teatro, mas também para a televisão e para o cinema.



Foto: José Luiz

O Teatro Nelson Rodrigues, em Guarulhos, no bairro Vila Galvão, é a antiga sede da Fazenda de Francisco de Vasconcelos Galvão (daí o nome do bairro).

Nos anos 80 a sede foi transformada em teatro e aberto à população.

Telefone: 2459-1813

Endereço: Rua dos Coqueiros, 74, Vila Galvão

Mesma franquia, diferentes influências

Paulo Ramos

“Ué, trocaram de namorada? Ela agora é loira?”

A frase, vinda da fileira de trás, interrompeu o silêncio da sala de cinema onde assisti a “O Espetacular Homem-Aranha”, novo batismo do super-herói, em cartaz desde sexta-feira da semana passada (13.07).



Imediatamente, em bom tom de voz, o que parecia ser o namorado da moça tentou responder à questão.

“É que, nos primeiros filmes, a parceira dele era a Mary Jane, que era ruiva. Agora é outra, a Gwen Stacy.” Ouviu um surpreso “aaa-ahh” como comentário final.

Apesar de ter sido dita num lugar em que se espera ouvir poucas palavras, a pergunta feita pela vizinha de plateia é eloquente. A questão resume bem o ponto central do filme.

Cinco anos depois de encerrada a versão anterior do personagem no cinema, cria-se uma nova realidade para o super-herói, reconstruindo sua origem e impondo a ele nova parceira.

Mudou a forma como o adolescente Peter Parker (Andrew Garfield) foi picado por uma aranha radioativa, o modo como o tio dele, Ben, foi assassinado, o jeito como se porta.

De lentes de contato a um skate, sempre embaixo do braço, ele é uma releitura atualizada do rapaz tímido, introspectivo e de Q.I. acima da média mostrada nos filmes e nas revistas.

O que o longa-metragem dirigido por Marc Webb faz é reproduzir na tela uma característica comum aos quadrinhos de super-heróis: o “control alt del” narrativo.

De quando em quando, as editoras que publicam os super-heróis tentam mexer com as histó-

rias de seus personagens, de modo a atrair novos leitores e os olhares midiáticos.

(Ou as pessoas acham que um dos lanternas verdes, antes pai de dois filhos, ser reconstruído como personagem gay foi mero acaso? Se bem que a mídia daqui até achou...)

Para ficarmos apenas no Homem-Aranha, ele já circulou por um número considerável de teias narrativas. Tudo para criar o desejável ar de novidade editorial.

Ele já derrotou um clone de si mesmo apenas para, década e meia depois, descobrir que era exatamente o contrário: o clone é que era o verdadeiro Peter Parker, e não ele.

A troca foi desfeita. E desfeita de novo, porque os leitores, com toda a razão, sentiram-se ludibriados por terem lido anos a fio as aventuras de um herói falso.

Anos atrás, ele revelou a identidade secreta ao mundo. Novo erro editorial, feito por mágica - literalmente: Mefisto, um poderoso demônio, mudou a realidade do Homem-Aranha.

A alteração foi um pretexto editorial para que as histórias do herói fossem narradas anos antes, mais ou menos da forma quando foi criada, no começo dos anos 1960.

A Gwen Stacy vista no cinema existiu nos quadrinhos. A primeira versão dela - por conta das reviravoltas, houve outras, até em outras realidades - também era namorada de Parker.

A moça morreu nas mãos do Duende Verde. Anos depois, o herói se aproximou, apaixonou e casou com Mary Jane, a mesma mostrada nos três filmes, de 2002 a 2007.

Assim como nos quadrinhos, agora se refaz tudo. Sai a ruiva, entra a loira (interpretada por Emma Stone). E o motivo do natural enfiamento da coleira de plateia.

Afinal, tudo mudou em relação ao último filme da trilogia, exibido em 2007. Espaço de tempo muito curto para que os longas anteriores já tivessem saído da memória coletiva.

O resultado é mais um filme-pipoca. Despretensioso e com ro-

teiro simples, traz bons toques de ação e interpretação convincente do grupo de atores, inclusive os protagonistas.

O vilão da vez é o Lagarto, uma mutação feita pelo pesquisador Curt Connors em si mesmo.

Sem um dos braços, ele procurava na capacidade regenerativa do animal uma esperança para retomar o membro. Ao injetar um soro ainda em testes, torna-se o selvagem Lagarto.

Mas isso é apenas enredo. O principal é que cada vez mais a tela grande reproduz o modo como os quadrinhos de super-heróis são feitos. E o filme faz exatamente isso.

Aos leitores de quadrinhos que virem o longa-metragem, ou que já viram, é apenas mais do mesmo em versão cinematográfica. De releitura em releitura constrói-se um herói.

Mas a novidade é que o mesmo modus operandi editorial é feito, agora, para um público mais amplo, o dos espectadores do cinema. Nem todos, diga-se, leitores de quadrinhos.

Os números de “Vingadores”, exibido meses atrás, mostram que é uma legião ampla. Gente que passa a se sujeitar a narrativas que se cruzam e a sucessivas releituras.

O cinema tem reproduzido não apenas os super-heróis e suas histórias, mas também o modelo editorial que os mantém. Cria-se uma geração de novos leitores. Na tela grande.

*Texto publicado no blog
<http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/>
e cedido gentilmente pelo autor.*



**“O Espetacular Homem-Aranha”
(2012. 136 min)
Diretor: Marc Webb**

Entre o joio e o trigo

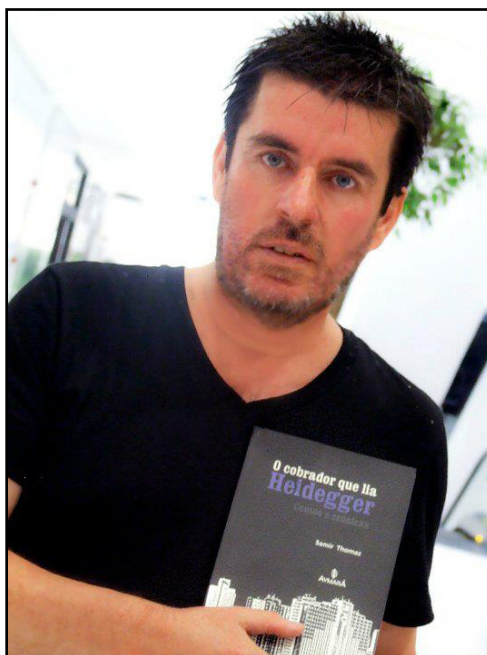
Samir Thomaz

Sempre que me pedem para falar sobre o ofício de editor, costumo resumir com a frase de um antigo professor de jornalismo: “Editar é fazer escolhas”. Gosto da frase. Em sua aparente simplicidade, ela é um denominador comum em relação à mídia com que se trabalha. Não importa se você é um editor de textos, de arte, de vídeo, de áudio, de imagens ou de fotografia. Editar é fazer escolhas. E ponto final. Você pode até alterar o enunciado e dizer que editar é selecionar, filtrar, separar o joio do trigo (e algumas vezes escolher o joio...), não importa: ainda assim, você estará fazendo algum tipo de escolha.

Mídia à parte, para que você seja um editor competente em sua área é fundamental que domine suas ferramentas. De um editor de arte se exige que conheça a teoria das cores, as regras de proporção, as famílias de fontes, e, claro, que possua um senso estético refinado. De um editor de fotografia se espera que domine os recursos de sua máquina, que possua um atilado senso de oportunismo e que saiba usar com habilidade as combinações de claro-escuro. E de um editor de texto, o que se costuma exigir?

Em primeiro lugar, obviamente, que tenha uma considerável experiência com a língua portuguesa, o que, grosso modo, costuma-se adquirir de duas maneiras óbvias: lendo e estudando. É bem verdade que, para os editores de exatas, esta não é uma regra imprescindível, e eles podem ser excelentes editores de matemática, física ou química sem ter tido um contato mínimo com os textos de Machado de Assis ou com a poesia do Drummond. Para

estes, o importante será o domínio das fórmulas e das equações, ainda que eventualmente deixem passar a palavra exceção com s ou hipotenusa com z – haverá sempre um revisor que vai corrigir seu déficit com a língua. Para um editor de humanas, no entanto – em geral o editor que mais zela pelo ofício e mais se orgulha dele –, se não for dado às letras, certamente não será um editor completo.



Preenchido este requisito principal, um ponto de suma importância é conhecer o autor cujo texto se vai editar. Este é um background que se conquista aos poucos, visto que somente se adquire experiência com autores trabalhando com vários deles. Autores são vaidosos, idiossincráticos, afetados, inseguros, ansiosos, neuróticos. É preciso, pois, saber lidar com o ego exacerbado de alguns deles.

Há, por exemplo, o que chamo de “autor autor”. Pode-se dizer que é o típico autor “que trabalha”. Em geral são os melhores. E como são competentes naquilo que fazem, não têm problema em ouvir com humildade as sugestões

do editor (o que não quer dizer que vão segui-las cegamente) e não se deixam afetar pelo fato de que alguém vai mexer no texto deles. Se o livro obtém êxito, costumam ligar e parabenizar o editor pelo trabalho, não raro com o envio de algum mimo. Já o autor que deixa quase tudo (ou mesmo tudo, incluindo a escrita) a cargo do editor, eu diria que são em tudo o contrário do exemplo acima. Infelizmente, formam uma parcela não pequena de autores.

Não obstante esses percalços, editar textos pode ser extremamente gratificante. Talvez o melhor momento para um editor seja aquele em que ele sente que seu repertório cultural e sua experiência “acrescentam”, fazem diferença. Sensação só comparável ao momento em que o livro fica pronto. Não é exagero dizer que, nesse momento, muitos editores “lambem a cria” como se fossem os autores do livro. E muitos realmente são.

Trabalho com livros didáticos desde 1990. Galguei, por assim dizer, todos os cargos para chegar a editor. Fui conferente de textos, revisor, assistente editorial, editor assistente e por fim editor. Considero importante ter feito esse caminho. A experiência com revisão é fundamental para que o editor adquira a noção do detalhe, do perfeccionismo e do absoluto apuro com a língua que um editor deve ter. “Deus está nos detalhes”, afirmou o arquiteto alemão Mies van der Rohe. Essa é uma frase que, a meu ver, todo editor devia trazer consigo.

Samir Thomaz é jornalista com especialização em globalização e cultura, escritor e editor de filosofia na Editora Moderna.

Fim do expediente

Lucas Araujo Silva

Hoje o sol não apareceu, mas o céu em compensação sempre dá o ar da graça. Graça... é nisso que eu tenho pensado, qual é a graça desse mundo? E de mundo só se tem graças? Gosto mesmo é da risada, alforria para estes modos de ser.

E como ser com graça? Pintando a boca de sorrisos.

Ontem coloquei um pijama novo, e sabe... ficou legal. Ele tinha cor de sono e temperatura de abraço apertado. Dormi bem, até sonhei.

Acordei, lavei meus cabelos. Eles estavam emaranhados. Olhei para o espelho e meu rosto era um travesseiro de manhã.

Olhei em volta, uma zona. Na cozinha nem café tinha. Fui para a padaria. A moça do balcão tinha batom nos dentes. Eu sorri, ela sorriu. Pedi um café, estava quente, queimei a língua.

Peguei um táxi, vim para o trabalho. Cheguei cedo, mas o chefe já estava aqui, me aguardava com uma cara de desconsolo. Falei bom dia e ele começou a chorar, perguntei o que havia

acontecido, ele tinha sido abandonado pela esposa. Tentei consolar.

Na hora do almoço fui ao restaurante da esquina, onde geralmente costumo almoçar, é desses restaurantes onde após o 6º dia consecutivo almoçado, você é considerado cliente VIP. Ele fica próximo ao metrô Santa Cecília. Lugar agradável, pessoas agradáveis. Pedi o de sempre: Fritas, arroz, frango grelhado, ervilhas, agrião, tomate. O garçom muito apessoado serviu-me com agilidade e educação. De repente ouve-se um grito. Um guri de mais ou menos 13 anos roubara a bolsa de uma cliente. "Pega ladrão!", era o que se ouvia da boca da vítima. O garçom mais que depressa correu atrás do menino que logo apontou-lhe o revólver e deu-lhe um tiro no coração. Morte, foi o que coube àquele jovem de 25 anos, recém contratado pelo restaurante. Filho único, viera de Avaré tentar a vida na capital. O que dizer à família? "Seu filho foi assassinado tentando fazer o bem". A cena mexeu comigo e confesso, senti qua-

se que uma paixão platônica pelo ser que morrera em minha frente.

São 16h agora, olho o relógio e os ponteiros se arrastam. O período entre 16h e 17h é sempre o mais longo do meu dia. Tenho certeza que ao sair daqui pegarei um tremendo trânsito, pessoas se xingarão, respirarei monóxido de carbono, assim como todos os dias. Chegarei em casa, tomarei uma cerveja, verei um filme, tomarei banho, continuarei passando pela vida, essa vida tão solitária de um porre lento. Um porre de escritor que continua a viver sem se dar conta que há mais para se fazer. Um perde o amor, outro perde a vida. Eu tenho perdido a diferença, e tenho sido tão indiferente quanto o ponteiro dos segundos, nessa ansiedade de ir para o meu cômodo fazer crescer minha barriga e terminar qualquer aventura que tenha começado em minha cabeça.

Antes tivesse chamado aquele rapaz para almoçar comigo, mas o que posso fazer se o que mais espero é o fim do expediente?

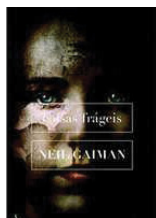
Poemeto

Eu sinto tanto a sua falta
que às vezes
o ar me falta,
que às vezes
a vida falta.
E que a falta
é o que há
e o que eu sinto.

Patrícia Veloso, 22 anos, viciada em chocolate e poesia. Estuda Letras, mora no litoral paulista, publica seus pedaços de texto em um blog: ultimoverso.wordpress.com

Coisas Frágeis – Neil Gaiman (Conrad do Brasil)

T. A. C. Amaral



Neil Gaiman, jornalista, escritor de romances, contista, poeta, roteirista de filmes (Máscara das Ilusões e Beowulf) e quadrinhos (Sandman), reúne suas forças para contar uma série de histórias fora de série.

Lançadanos países de língua inglesa em um único volume e no Brasil em dois, Coisas Frágeis traz visões extremamente evocativas da fantasia tão característica de Gaiman, representada por contos e poemas.

Gaiman consegue carregar o leitor para seu mundo particular aparentemente sem esforço, tecendo os fios da história com delicadeza e habilidade, sem grandes pretensões ou complicações – Gaiman claramente pretende divertir e tocar seu leitor.

Recomendado para quem quer passar um tempinho longe do mundo cotidiano.

Valor: R\$19,00 nas Americanas, de R\$10,00 a R\$35,00 em www.estantevirtual.com.br

Acidente

Minhas lágrimas
estão escorrendo e cortando meu rosto,
estão lavando o chão de sangue
até eu ficar desfigurada.

I

Ah! Aquele céu onipresente
todo ele sente
o caminho em perpétua mutilação

Não permite que caia em esquecimento
e constrói com cimento
o quarto forrado de silêncio
que é o meu coração

Anne H., poetisa francesa radicada no Brasil há algum tempo, adora gastronomia e leitura e diz que seu maior prazer é discordar.



Cássio Rocha

Escreveu sua obra-prima e quer vê-la publicada? Tem uma ideia incrível pra um desenho e quer ver como fica impresso?

Manda pra gente!

Temperos e Pimentas

Desde o início do século XX, Guarulhos é alvo de migrantes e imigrantes que procuram na Grande São Paulo melhores condições de vida, comparadas aos seus lugares de origem.



Cremilda mora nos Pimentas há 39 anos.

Encontramos com frequência famílias e descendentes de italianos, japoneses, bolivianos, indígenas, chineses, africanos e de muitas outras localidades, frequentando feiras, mercados, shoppings, locais de cultura e de lazer e outros ambientes em que circulam um grande número de pessoas. Essas, com sotaques, idiomas, cores, histórias, costumes, vestimentas e crenças diferentes

passando pelas ruas e chamando o mesmo lugar de "lar," constroem uma imagem incrível que marca a riqueza cultural que a região abriga.

É claro que os brasileiros de outros estados também marcam presença por aqui.



José veio para Guarulhos em 1979.

Cremilda P. dos Santos e José Ailton M. de Melo vieram de Garanhuns (PE) ainda crianças para Guarulhos e hoje, casados, moram no Pimentas. " Vim pra cá pra ganhar dinheiro!" diz José Ailton, que, assim como muitos outros, buscam nas periferias do Sudeste uma melhor condição de trabalho.

Mas, apesar de muito comum, essa não é a única razão que motiva as pessoas a virem para Guarulhos.

Markos Sakai pertence à terceira geração de uma família japonesa que morava em Nagano. Mas, para fugir da guerra na década de trinta, viram-se obrigados a buscar segurança no Brasil. Hoje ele trabalha em uma floricultura no bairro.



O avô de Markos veio pro Brasil em 1932.

Dizem que o Brasil é o país da diversidade, e o Pimentas é um desses lugares onde é possível dançar um xote e comer tempurá ao mesmo tempo.

"Mais pimenta, por favor!"

Se você tem alguma história relacionada ao bairro dos Pimentas, conte para gente!

jornalpimenteiro@gmail.com

Coluna social

Voluntariado: cuidar do outro é cuidar de si

Sidnei Rodrigues Noronha

Inicialmente o voluntário, ao pensar em realizar um trabalho, deve definir a diretriz metodológica e pedagógica do projeto e atender aos objetivos traçados pela unidade de Saúde que irá colocar o projeto em prática.

Ressalta-se que é de suma importância que o voluntário pesquise sobre a unidade em que pretende atuar e visite o local, identificando a viabilidade do seu trabalho, em conjunto com as condições oferecidas pela entidade pública.

O voluntário deve entender que a técnica é primordial, no entanto há algo para além da concretude metodológica e do indispensável compromisso profissional que é a entrega visceral, a disponibilidade, a intencionalidade e o ingrediente essencial: a afetividade.

Nossa linguagem talvez ainda não consiga traduzir tudo quanto é humanamente experimentável e sensível.

Temos a visão e recusamos ou não conseguimos enxergar o "outro". Isso gera uma

cegueira que promove a descontinuidade do ato de educar e cuidar.

Não podemos estar no mundo e não ver no mundo o "outro", ou apenas ver neste mundo o que é do nosso interesse.

O "ser humano" não é mero



Foto: <http://tinyurl.com/9tao8iz>

organismo, um conglomerado de células, um simples liquidificador de emoções, ambiguidades e paixões controláveis por "remédios" e "tratamentos", por mais que esses tenham sua importância.

O "ser humano" é complexamente simbólico com uma estrutura psíquica intrincada, mas ele não é algo divino, funcional e natural.

Antes de tudo, ele é um constructo social largamente influenciado pelas bases materiais, interesses políticos e econômicos. E assim o voluntário não deve assumir missões messiânicas, salvar e curar o outro, ele é apenas uma ponte, mediador de um processo, e talvez sua principal "tarefa" seja desconstruir e deixar o outro construir a partir de si, o seu conhecimento e comece a laçar um caminho de autonomia, liberdade e continuidade, afinal, como diria o poeta Ferreira Gullar, "uma vez que a vida é finita, é no outro que teremos continuidade".

Licenciado em História pela UNIFAI, coordenou por dois anos o projeto "Carolina de Jesus: todos tem um ideal. O meu é gostar de ler", que foi desenvolvido no CECCO - Centro de Convivência e Cooperativa, na Vila Guarani - SP.



Anime Guarulhos Festival

Texto e fotos: Denise Ferreira e Lucas Araujo Silva

Em setembro de 2012, no Espaço Cultural Adamastor (Centro), aconteceu o evento "Anime Guarulhos Festival", que contou com a presença de milhares de crianças, adolescentes, adultos



Cosplay é o nome dado a quem se caracteriza e incorpora personagens fictícios, seja de histórias em quadrinhos, mangás, animes ou de seriados. O movimento teve um grande impulso no Japão durante a década de 80 e hoje envolve pessoas, principalmente, jovens do mundo inteiro.

e, é claro, a equipe do Pimenteiro.

As atrações envolvem exibição de animes, shows de bandas, estandes, games, cosplay e sorteio de prêmios.

Dentre os animes preferidos do público estava Dragon Ball, pelas mensagens, ensinamentos e a repercussão que teve e tem no Brasil desde a década de 1990.

Apesar dos poucos estandes e apresentações, os visitantes consideraram o evento positivo e os organizadores afirmam que tiveram suas expectativas superadas, afinal esta foi apenas a primeira edição do mesmo. O evento atingiu, sobretudo, os adolescentes, que viram o festival como uma oportunidade de "sentir-se em casa", compartilhando gostos e experiências com pessoas da mesma tribo.

Entrevistamos a Banda IIKAGEN, que apresentou sucessos como as aberturas de Pokémon, Digimon e Dragon Ball, que foram acompanhadas em coro pela plateia.

A banda surgiu há cerca de 4 anos. Os integrantes se conheceram jogando num fliperama. Camila (vocal), Lucas (guitarra), Raony (baixo) e Danilo (bateria) uniram-se através da diversidade musical. A proposta inicial da banda era tocar músicas de animes, mas usando a personalidade IIKAGEN.

Eles utilizam as letras das canções de animes e as encaixam em arranjos diversos, como jazz ou blues.

A banda ficou satisfeita com o evento e disse que o público de Guarulhos é bem acolhedor e espera voltar no próximo festival.



Para conhecer de perto o trabalho da banda, basta visitar o canal do YouTube Banda IIKAGEN (<http://tinyurl.com/cnmo9oc>) ou curtir a página no Facebook. IIKAGEN pode ser traduzido como aleatório, randômico ou algo que não tem muito sentido.

Tiraram sua foto no evento e não apareceu no jornal? Olha no nosso site!

Mostra de curtas arrepiou a Universidade Guarulhos

Texto: Sarah Piasentin

Aconteceu nos dias 30 e 31 de agosto a segunda edição do Guarufantástico, festival de curtas-metragens organizado pelo cineasta Rubens Mello. Onze filmes foram apresentados em cada dia, além de palestras com alguns nomes da cena independente paulista. Assim como na primeira edição, os filmes participantes foram julgados e premiados, concorrendo a categorias clássicas como "melhor ator" e "melhor diretor", mas também em categorias inusitadas, como a de "melhor criatura".

A mostra Guarufantástico nasceu da vontade de dar mais oportunidades aos trabalhos de cineastas independentes e anônimos. "Uma das principais metas do festival é colocar Guarulhos no palco da produção cinematográfica nacional e internacional", afirmou Rubens Mello, coordenador do evento. "Sempre gostei de filmes sobre o Fantástico, e também produzo e

atuo em filmes independentes de horror", conta Rubens, que foi eleito sucessor de Zé do Caixão em 1999.

Foto: www.guarufantastico.com.br



José Mojica Marins (Zé do Caixão) e Rubens Mello, organizador do Guarufantástico.

O anfiteatro da Universidade Guarulhos, no centro, foi o espaço escolhido para expandir os conhecimentos e promover esse encontro com os filmes fantásticos, que englobam a fantasia, a ficção e o hor-

ror, para que o público conheça as novas caras do "cinema de bordas".

As palestras contaram com a participação de figuras ilustres. Peter Bayestorf produzia filmes com orçamento zero na década de 90. Fernando Rick viajou ao redor do mundo por conta de sua obra "Coleção de Humanos Mortos", uma homenagem aos filmes de horror dos anos 70. Ele também dirigiu um documentário sobre a banda de punk Ratos de Porão. Alex Sandro Moletta é dramaturgo, roteirista e diretor. Além do cinema, também trabalha com teatro e quadrinhos, e escreveu um livro, "Criação de curta-metragem em vídeo digital". Sérgio Pires participou de estudos sobre dramaturgia no Brasil e na Inglaterra. Hoje é coordenador da Escola Livre de Cinema e Vídeo de Santo André.

Para conhecer os filmes que fizeram parte do festival, acesse o site: <http://www.guarufantastico.com.br>.